

## Bissexualidade Não é Bagunça: A Construção da Sexualidade de Maura em *Segundo Sol*<sup>1</sup>

Talitta Oliveira Cancio dos Santos<sup>2</sup>  
Marcela Costa da Cunha Chacel<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### RESUMO

No campo da disputa discursiva e de poder na sociedade, a televisão é responsável por forjar identidades e o imaginário social. O presente trabalho analisa as representações LGBTQIA+<sup>4</sup> na teledramaturgia, com recorte para a representação bissexual a partir da construção da sexualidade da personagem Maura da novela *Segundo Sol*, da Rede Globo. Para tal, em um primeiro momento, é apresentada revisão bibliográfica sobre perspectivas de gênero, (bi)sexualidade e representação social, a partir de autores como Butler (1990), Scott (1990) e Hall (1997); em seguida, baseados no método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), analisamos a construção de Maura e a partir dela foi possível verificar como muitos estereótipos sobre bissexuais ainda são reforçados, atrapalhando a efetividade da representação enquanto estratégia de *merchandising* social e ação socioeducativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** bissexualidade; lgbt; *merchandising* social; rede globo; telenovela.

### 1 Introdução

A pauta LGBTQIA+ tem ganhado grande evidência na sociedade, seja através das polêmicas e embates políticos, mas também na mídia, preenchendo espaços consideráveis de programas televisivos e das redes sociais digitais. Na televisão, muitos programas têm colocado em discussão a questão LGBTQIA+, como o *Amor&Sexo*, apresentado por Fernanda Lima, que em mais de uma ocasião teve essa como principal pauta da noite de exibição, com convidados expondo suas experiências e violências sofridas por conta de suas orientações sexuais e/ou identidades de gênero. No *Domingão do Faustão*, tradicional programa das tardes de domingo, o apresentador Fausto Silva fez algumas declarações positivas sobre o tema, como no dia da Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2018, em que declarou: “O país que mais mata gente do LGBT é o Brasil que tem que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de graduação, 4º semestre, do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFRN. E-mail: [talitta.cancio@gmail.com](mailto:talitta.cancio@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da UFRN. E-mail: [marcelapup@gmail.com](mailto:marcelapup@gmail.com)

<sup>4</sup> Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros (transexuais e travestis), Queer, Intersexo, Assexuais e outras possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam.

---

aprender que o caráter, a competência, o talento não tem nada a ver com orientação sexual, muito pelo contrário”<sup>5</sup>, sendo aplaudido de pé por sua plateia.

A teledramaturgia, foco deste artigo, aborda a temática LGBTQIA+ há muitos anos em suas tramas. Em 1970, na Rede Globo, o primeiro personagem gay em uma novela brasileira foi vivido por Ary Fontana - Rodolfo Augusto, um costureiro e carnavalesco, em *Assim na Terra como no Céu*. Desde então, muitos outros personagens com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero foram inseridos nos folhetins da Globo, inclusive, desde 1995, pelo menos um personagem homossexual esteve presente nas novelas que foram ao ar ao longo de todos esses anos. (Bernardo, 2018)<sup>6</sup>

Porém, existe uma questão que vem sendo problematizada: como esses personagens LGBTQIA+ estão sendo representados na mídia? É um fato que a presença existe, mas é de suma importância questionar se ela está ajudando a desconstruir preconceitos e estereótipos, ou os reforçando. O objetivo deste artigo é analisar essa representação, dando ênfase aos bissexuais tendo como *corpus* de estudo a construção da personagem Maura, da novela *Segundo Sol*.

A bissexualidade foi escolhida como tema do estudo devido a sua invisibilização, dentro e fora do movimento LGBTQIA+. Ainda existem muitas confusões e estereótipos em relação às pessoas bissexuais, retratadas na maioria das vezes como confusas, indecisas ou promíscuas. A bissexualidade não é uma identidade fácil de se assimilar, considerando que quebra o pensamento binário em que ou se gosta de uma coisa ou de outra, ou se é hétero ou homossexual. Personagens bissexuais são retratados na mídia de maneira pouco didática e verossímil, como veremos no caso da personagem de *Segundo Sol*.

É importante destacar que se trata de uma pesquisa de cunho exploratório e qualitativo, a qual tem como procedimentos metodológicos, em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica com autores e autoras que abordam as questões de gênero e sexualidade, como Butler (1990), Foucault (1999) e Scott (1990). Em um segundo lugar, a partir da Análise de Conteúdo elaborada por Laurence Bardin (2011), assumindo um caráter mais empírico, foram selecionadas cenas da personagem Maura, recuperadas

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/faustao-defende-gays-na-tv-carater-nada-tem-ver-com-orientacao-sexual-113306830.html> Acesso em: 8 de junho de 2019

<sup>6</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/> Acesso em: 8 de junho de 2019

---

através do GloboPlay<sup>7</sup>, para que fossem observadas as formas pelas quais a bissexualidade da personagem foi apresentada.

A técnica da análise de conteúdo pode ser aplicada a diferentes discursos e formas de comunicação. A sua utilização prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação. No presente trabalho, a pré-análise, fase de exploração, consistiu na busca e escolha das cenas que seriam analisadas; a exploração do material foi feita com transcrição dos diálogos, comparações entre as cenas e entendimento da história; por fim, o tratamento do resultado se concretizou nas interpretações do ponto de vista da representatividade bissexual na trama. Como poderá ser visto no tópico sobre a construção da sexualidade de Maura, as cenas foram descritas e refletidas considerando as formas pelas quais a personagem foi apresentada para os telespectadores e as possíveis impressões e interpretações que tais cenas podem repercutir.

## **2 Perspectivas de gênero e sexualidade**

Para poder refletir e analisar as questões referentes à bissexualidade e sua representação na teledramaturgia, é preciso primeiro compreender teoricamente os estudos sobre gênero e sexualidade. É importante destacar, antes de tudo, que identidade de gênero é diferente de orientação ou identidade sexual, mas elas se inter-relacionam dentro da construção do sujeito. Joan Scott e Judith Butler fazem parte das teóricas feministas que começaram a questionar, nos anos 90, o binarismo de gênero.

Existem diferentes definições do conceito de gênero. Consideramos aqui gênero como uma construção social, que perpassa corpos, mas também instituições, regulando as atividades humanas (SCOTT, 1990; BUTLER, 1990). Segundo Judith Butler, o gênero é performance, é fluido e se modifica de acordo com o tempo e o contexto, “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 1990, p. 29). Para Joan Scott, o gênero deve ser entendido como “elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” ou seja, “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1990, p.21).

---

<sup>7</sup>Serviço de *streaming* da Globo, no qual é possível assistir a, dentro outros, conteúdos televisivos que não estão mais sendo transmitidos na grade de programação, como é o caso de Segundo Sol.

---

Essa perspectiva de questionamento da binariedade homem/mulher e heterossexualidade/homossexualidade como identidades opostas é uma das bases da teoria *queer*. O termo enquanto teoria foi usado pela primeira vez pela feminista italiana Teresa de Laurentis (SAFATLE, 2015, p. 178) e desenvolvido por outras e outros teóricos.

Segundo os teóricos e teóricas *queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. (LOURO, 2001, p. 549).

Michel Foucault e o seu livro *História da sexualidade: a vontade de saber*, publicado em 1976, são considerados referenciais inspiradores da teoria *queer*, servindo como aporte sobre a relação entre sexualidade, discurso, saber e poder. O autor coloca a sexualidade no centro das discussões de poder social, repensando como os discursos sobre o sexo, considerados grandes tabus e silenciados, na verdade policiam as populações constantemente, em uma proliferação de discursos. (FOUCAULT, 1999).

Essas perspectivas e apontamentos são necessários para colocarmos a bissexualidade em foco e também para analisarmos a representação LGBTQIA+ na mídia. Como aponta Fernanda Nascimento Silva, em sua dissertação de Mestrado *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida*:

Assim, representações de LGBTs, em uma sociedade heteronormativa, não podem ser percebidas como simples reproduções de uma lógica de dominação e opressão histórica contra os sujeitos que integram esta minoria, mas como terreno de disputa de poder. (SILVA, 2015, p. 16)

Entendendo, dessa forma, a mídia como um campo cultural de construção de poder, atravessada pela constante disputa de representações entre grupos hegemônicos e subalternos por visibilidade (SILVA, 2015). É importante a ressalva de que os espaços conquistados pela comunidade LGBTQIA+ ainda não modificaram de maneira significativa as representações midiáticas, mas sim, como pontua Stuart Hall, “o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada” (HALL, 2013, p. 377).

## 2.1 Bissexualidade além do invisível

A bissexualidade, assim como a heterossexualidade e a homossexualidade, também é uma construção sócio-histórica-cultural. Consideramos pessoas bissexuais como aqueles que se sentem atraídas emocional, romântica e/ou sexualmente, por mais de um gênero. É uma sexualidade vista frequentemente como uma combinação de diferentes graus de heterossexualidade e homossexualidade, algo que reforça a binariedade e também os preconceitos. É comum a visão estereotipada de que pessoas bissexuais estão em uma fase transitória, são indecisas, que não querem abrir mão dos privilégios da heterossexualidade, entre outros estereótipos que permeiam a identidade bissexual e promovem seu apagamento, mesmo dentro do movimento LGBTQIA+.

O apagamento da bissexualidade acontece de três maneiras principais: a negação total da existência da bissexualidade, a noção de que a bissexualidade é só uma fase e a insistência em classificar as pessoas ou como heterossexuais ou como homossexuais. Para Facchini (2009), a insistência em categorizar as pessoas que fazem performances identitárias bissexuais ou como heterossexuais ou como homossexuais vem do fato de a bissexualidade negar a fronteira que supostamente separa os/as “homossexuais” dos/as “heterossexuais” [...] As performances identitárias bissexuais são vistas como ameaças à identidade coletiva homossexual que tem sido e está sendo tão difícil de legitimar na opinião pública; portanto, a bissexualidade é negada. (LEWIS, 2012)

Colocando a teoria *queer* em perspectiva, considerando gênero e sexualidade como fenômenos fluidos, podemos entender a bissexualidade como o elemento que traduz a negação do determinismo biológico, como uma identidade de pessoas que se sentem atraídas não necessariamente pelo sexo ou gênero da outra. A bissexualidade é uma desconstrução da heteronormatividade e dos binarismos, indo muito além do que se pensa por sua nomenclatura.

Ao mesmo tempo, é pertinente entrar no debate sobre as políticas identitárias e uso de rótulos para combater a marginalização e opressão, permitindo assim a organização dos grupos oprimidos. Conciliar a teoria *queer* e as ações políticas de resistência das identidades LGBTQIA+ é possível e necessário, principalmente no caso das pessoas bissexuais que são discriminadas por uma suposta confusão e que necessitam reafirmar sua identidade dentro e fora do movimento.

---

Um recorte importante para ser feito neste artigo é o da mulher bissexual. A imagem construída socialmente, em grande parte pela mídia, é de uma mulher curiosa, aventureira, fetichizada e hipersexualizada. Esses estereótipos funcionam também para alimentar fantasias masculinas heteronormativas, em que a sexualidade feminina gira em torno de homens e de seus desejos. Mulheres bissexuais sofrem com a violência cotidianamente e são particularmente vulneráveis à violência sexual e estupro.

Segundo relatório da ONU *Livres&Iguais*, quase uma a cada duas mulheres bissexuais nos Estados Unidos relatou já haver sofrido estupro, o que é três vezes mais do que a média para mulheres lésbicas e heterossexuais, e 75% das mulheres bissexuais reportaram já haver enfrentado outras formas de violência sexual. Mulheres bissexuais têm duas vezes mais chance do que mulheres heterossexuais de sofrerem estupro, violência física e/ou perseguição por parte de um parceiro íntimo<sup>8</sup>.

### **3 Representação LGBTQIA+ na teledramaturgia**

As narrativas midiáticas são permeadas por representações que contribuem diretamente na formação do imaginário social (BACZKO, 1985) e estabelecem debates em torno de algumas questões político-sociais (LIMA e CAVALCANTI, 2018). Segundo Stuart Hall (1997), na abordagem discursiva da representação, os significados culturais não estão na nossa cabeça, eles têm efeitos reais e regulam práticas sociais.

“As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje” (KELLNER, 2001, p.9). A televisão, pelo seu alcance e contato diário da população, entrega grande quantidade de imagens e discursos, sendo uma grande influenciadora da opinião pública e dos comportamentos sociais, “bem como fornecendo material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p.9).

Cada vez mais, os produtos da televisão apresentam discussões de questões políticas e sociais, mas há uma disputa discursiva com relação ao conteúdo, e também quanto às formas de tratamento das temáticas, tendo em vista, principalmente, a relação com a audiência e seus anunciantes - elementos vitais para a televisão comercial. (CUKLANZ, 1997)

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.unfe.org/wp-content/uploads/2018/09/Bissexualidade.pdf> Acesso em: 12 de junho de 2019

---

No Brasil, a telenovela é o produto cultural com maior apelo e acompanhada por milhões de espectadores todos os dias, exercendo grande influência cultural, social e política na população.

Considerada como um dos mais importantes produtos culturais do Brasil, a telenovela possui um reconhecido papel no processo de construção de identidades e determinação de representações. Por se configurarem como um produto diário que há mais de cinquenta anos entra nos lares brasileiros no momento de lazer, as telenovelas são capazes de determinar tendências, propor temáticas sociais, dar visibilidade ou mesmo silenciar questões. Tudo isso ganha ainda mais importância no cenário de integração do conteúdo televisivo com as estratégias interacionais propiciadas pela internet. (LIMA e CAVALCANTI, 2018, p. 321)

A teledramaturgia tem incorporado paulatinamente temas socialmente relevantes. A Rede Globo, especificamente, assume que essas produções possuem caráter socioeducativo e explicitamente insere temáticas sociais em suas narrativas de ficção. Personagens e enredos servem como uma forma de apresentar temas importantes, em uma perspectiva informacional e pedagógica (LIMA E CAVALCANTI, 2018).

Uma das formas que a Globo faz isso nas telenovelas é através do *merchandising* social. De acordo com Lopes (2009), o *merchandising*<sup>9</sup> social tem como objetivo difundir conhecimentos, gerar uma crítica social, promover valores, princípios éticos e incentivar o debate na sociedade. Também é uma estratégia para construir uma imagem corporativa, adquirir e fidelizar clientes que compartilham do mesmo posicionamento da empresa.

### 3.1 LGBTQIA+ há quase 50 anos nas telenovelas

Uma das temáticas recorrentes do *merchandising* social das telenovelas, em especial as da Rede Globo, é a LGBTQIA+. A representação foi iniciada em 1970, na novela *Assim na Terra como no Céu* com um homem gay e, até 2013, foram 126 personagens em 62 novelas, segundo mapeamento de Fernanda Nascimento Silva (2015).

A inclusão de personagens homossexuais, bissexuais ou transgêneros nas telenovelas da Rede Globo costuma ser acompanhada por um conjunto de ações socioeducativas que

---

<sup>9</sup> O termo *merchandising* é referente a uma promoção de produtos e serviços por meio da publicidade. Pode ter um cunho comercial com o objetivo de vender produtos ou social com o intuito de divulgar uma ideia.



---

buscam esclarecer a sociedade no que diz respeito à violência de gênero, discriminação e desigualdade de direitos – mesmo que em geral esses personagens sofram tratamento desigual, quando comparados aos heterossexuais. Personagens LGBTQ em telenovelas são, muitas vezes, meramente ‘pedagógicos’. O contato físico e as demonstrações de afeto entre homossexuais ainda são majoritariamente evitados pela narrativa, ao passo que as relações sexuais entre personagens heterossexuais são naturalizadas. (LIMA e CAVALCANTI, 2018, p.104)

Apesar de avanços significativos em termos de representatividade e ações socioeducativas, as representações LGBTQIA+ nas telenovelas ainda apresentam problemáticas, como a predominância de homens gays e brancos e inserções unidimensionais, ou seja, personagens que tem como foco narrativo a sua sexualidade ou identidade de gênero (LIMA e CAVALCANTI, 2018, p. 323), sem grandes desenvolvimentos e pouca verossimilhança.

Esses problemas acontecem, em grande parte, pelo conservadorismo da audiência. Mesmo que o intuito seja criar ações socioeducativas, muitas vezes a busca pelo agrado do telespectador traz consequências negativas para personagens LGBTQIA+, como foi o caso do casal interpretado por Christiane Torloni e Silvia Pfeifer em *Torre de Babel*, em 1998, quando a má receptividade do público levou o autor da novela, Gilberto Braga, a matar as personagens com um acidente trágico que não fazia parte da trama. Em entrevista à Folha de São Paulo, em 2003, o autor atribuiu a má receptividade ao fato de que eram lésbicas interpretadas por atrizes de prestígio, “acho que o problema foi que tínhamos duas estrelas nos papéis. Por enquanto, é mais fácil que se aceite homossexualismo com atores menos conhecidos.”<sup>10</sup>

A censura afetou outras representações, como no caso da novela *Vale Tudo* (1988-1989), em que o primeiro casal lésbico teve muitos dos diálogos cortados, inclusive um no qual o casal contava a uma amiga sobre os preconceitos de que eram vítimas por seu relacionamento. A pressão da censura e também a audiência, conforme afirma Drummond (2015), fez com que uma delas fosse morta na trama. (LIMA e CAVALCANTI, 2018, p. 323).

Só em 2003, com *Mulheres Apaixonadas*, um casal formado por duas mulheres - jovens, bonitas, magras e de classe média - conseguiu cair nas graças do público. Elas são também um marco

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1708200309.htm> Acesso em: 14 de junho de 2019



---

por serem o primeiro casal lésbico a se beijar em uma novela, embora caiba mencionar que o beijo tenha acontecido enquanto as duas faziam uma releitura de Romeu e Julieta nunca peça escolar. Senhora do Destino (2004-2005) apresentou uma relação lésbica debatida de forma mais aberta, com o casal Eleonora e Jennifer. Borges e Spink (2009) afirmam que esta foi a primeira produção a apresentar um relacionamento entre mulheres de forma continuada – elas não desaparecem no meio da trama como em novelas anteriores – e explícita - a relação é nomeada e discutida ao longo da novela. (LIMA E CAVALCANTI, 2018, p. 325)

Personagens LGBTQIA+ que fogem do padrão heteronormativo, masculino, branco e gay, foram ganhando mais espaço a partir dos anos 2000. *Viver a Vida* (2010), apresenta uma relação com homens bissexuais não monogâmicos e em grupo; em *Fina Estampa* (2011), há um relacionamento intergeracional; a transexualidade é discutida com destaque em *Salve Jorge* (2012), debatendo a realização de procedimentos cirúrgicos, que podem levar a prostituição como forma de obter recursos financeiros (SILVA, 2018, p. 349); o personagem transexual Ivan em *A força do querer* (2017); entre alguns outros exemplos.

No que se refere à raça, dos 126 personagens LGBTQIA+ representados entre 1970 e 2013, apenas quatro são negros. Destas, três personagens eram oriundas das classes populares, com a exceção em *A Próxima Vítima* (1995), e a maioria foi coadjuvante nas tramas. “Cabe ressaltar que o pequeno número de negros nas telenovelas não é observado apenas no que se refere às personagens LGBTs, mas que, de forma geral, esta parcela da população é pouco representada.” (SILVA, 2018, p. 350)

### **3.2 Bissexualidade nas telenovelas**

Muitos são os estereótipos que personagens bissexuais carregam nas suas representações midiáticas. Além do lugar comum de serem mostrados como indecisos ou confusos, mostram que bissexuais não são confiáveis, sendo propensos à infidelidade ou à falta de moralidade; utilizam o sexo como meio de manipulação ou carecem de capacidade para formar relacionamentos genuínos; fazem associações com práticas autodestrutivas de comportamento; ou tratam a atração de um personagem a mais de um

---

gênero como um dispositivo de enredo temporário que raramente é abordado novamente. (MARIANO, 2017)<sup>11</sup>

Considerando a representação bissexual nas telenovelas, vemos que a presença ainda é pequena e problemática, visto que quase nenhum dos personagens assumiu esta sexualidade publicamente na trama. Outra questão é a diferença de gênero entre os personagens bissexuais: de 1970 a 2013, os homens aparecem em 11 novelas, sendo seis dentro de um padrão heteronormativo; cinco bichas<sup>12</sup> e dois que transitam entre os dois padrões. Há apenas três mulheres bissexuais, duas em um padrão heteronormativo e uma que transita entre sapatão e heteronormativa (SILVA, 2018, p. 352).

Um exemplo de novela que teve um personagem bissexual com maior destaque foi em *A Favorita* (2008), com Orlandinho, em que sua sexualidade é mais discutida. No início ele se identifica como gay e depois se casa com Sol, ocorrendo mais uma vez o silenciamento da bissexualidade, já que não parece admissível que o personagem tenha desejos por homens e mulheres, assim ele se torna um “ex-gay” ao se casar com Sol (SILVA, 2015, p. 80)

Em *Amor à Vida* (2013-2014), o personagem de Marcello Antony, Eron, é retratado como um homossexual com relação estável que trai seu marido com a personagem de Danielle Winits, mas acaba a trama com outro parceiro. “Eron é representado como homossexual independente de sua atração e envolvimento consensuais em relação à mulher.” (ROSSI e VIANA, 2018). Já na novela *Em família* (2014), a personagem Clara, interpretada por Giovanna Antonelli, é um melhor retrato da bissexualidade. A personagem fica dividida entre Cadu, seu marido, e Marina, ficando claro que ama os dois e se declarando abertamente como bissexual.

Eron e Clara são representações contrastantes, mas com elementos em comum: ao final, ela se casa com uma mulher e ele encontra um homem, como se não pudessem ficar sozinhos ou não pudessem ficar com seus parceiros heterossexuais na trama por serem personagens com representação LGBT e como se a bissexualidade sempre se rendesse a uma homossexualidade monogâmica ao final de tudo. (ROSSI e VIANA, 2018)

Todos esses exemplos são demonstrações das problemáticas na representação bissexual, mas também de seus avanços.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://seriesporelas.com.br/personagens-bissexuais/> Acesso em: 15 de junho de 2019

<sup>12</sup> *Gays* que subvertem a norma, marcados pela extravagância em atitudes e no vestuário.

---

#### 4 A construção da sexualidade de Maura

A partir do estudo das cenas que desenvolvem a sexualidade de Maura e sua relação afetiva com outros personagens, foi feita uma análise de conteúdo do ponto de vista da representação bissexual. Personagem da telenovela da Rede Globo, *Segundo Sol*, exibida de 14 de maio a 9 de novembro de 2018 no horário das 21h, em 155 capítulos, escrita por João Emanuel Carneiro, Maura é interpretada por Nanda Costa, atriz assumidamente bissexual. A personagem é uma policial civil que, ao longo da trama, desenvolve uma relação amorosa com dois personagens - Selma e Ionan.

No início da novela, somos logo apresentados ao romance secreto das vizinhas Maura e Selma. Esta última é casada com um homem ciumento e Maura é filha de pais tradicionais e conservadores, especialmente seu pai, um homem retrógrado e agressivo. A relação de Maura com sua família é um dos pontos importantes da construção de sua personagem enquanto LGBTQIA+, com problemáticas mais próximas da realidade e com mais efetividade socioeducativa.

Rosa, a irmã da personagem, é seu primeiro apoio. Ao perceber a proximidade entre Maura e Selma, faz sua irmã confessar que está apaixonada e declara “Eu sou sua irmã, não vou lhe julgar. (...) É a tua felicidade, não deixe escapar por medo nem por nada.”. Já com os pais, a revelação foi bem mais turbulenta. Quando Nice, sua mãe, descobre, a reação é de total negação, chegando a dizer que a relação da filha com Selma é uma doença e “pouca vergonha”. A cena em que Maura conversa pela primeira vez com a mãe após a revelação, é carregada de tensão e emoção, com as duas aos prantos e a filha tentando explicar seus sentimentos, sendo um importante retrato da realidade e de como alguns pais lidam com a descoberta da sexualidade dos filhos.

O modo como Maura conversa com sua mãe também consegue carregar, além da emoção, uma carga socioeducativa, ao mostrar que é uma questão natural. Após esse primeiro momento conturbado, Nice passa a apoiar sua filha e o relacionamento com Selma. Já com seu pai, tudo foi mais complicado. Ao descobrir o romance, Agenor humilha Maura e Selma na delegacia, local de trabalho da filha. Ele é o retrato de um homem machista, conservador e violento, que agride sua esposa. Não só não aceita a sexualidade Maura, como também depois fará o papel de contar a Selma a traição da filha com Ionan.

O início da narrativa de Maura leva a entender que a personagem é lésbica. Uma cena marcante para isso e que é contraditória com a reviravolta feita posteriormente, é um

---

diálogo com Ionan na delegacia, em que o personagem fala sobre o ciúme de sua esposa com Maura e esta diz, em tom descontraído, que Doralice não tem com o que se preocupar, afinal “Eu gosto da mesma coisa que você né, Ionan. Eu gosto de mulher, meu irmão”.

Por mais que em alguns momentos, no início, alguns personagens tenham feito indiretas sobre um possível tensionamento sexual entre Maura e Ionan, com seus respectivos cônjuges sentindo ciúmes, sempre pareceu ser para ela uma relação de amizade e parceria de trabalho. O romance entre os dois foi repentino e contraditório, prejudicando uma representação socioeducativa dela tanto como uma mulher lésbica quanto como uma mulher bissexual.

A mudança aconteceu quando Selma aceita realizar o sonho da policial de ser mãe. Maura quer que o doador seja alguém conhecido e escolhe Ionan para isso. Sua companheira não aceita inicialmente, mas por medo de uma separação acaba aceitando que seja ele. Com a relação das duas desestabilizada, Maura consegue ficar grávida e acaba desenvolvendo uma afeição diferente com Ionan, tendo momentos de grande tensionamento sexual que terminam em beijos apaixonados que deixam os dois “balançados”. As cenas dos dois se beijando, inclusive, escancaram as diferenças na representação de casais heterossexuais e dos homoafetivos. São momentos naturais, com carícias e beijos reais, ao contrário dos momentos com Selma, que não só não tem beijos apaixonados, mas também são mecânicos e forçados.

A descoberta da traição coloca Selma em uma posição que traz aspectos importantes para analisarmos os estereótipos e problemáticas da representação bissexual, traduzidos em algumas falas da personagem quando confronta Maura, como “Ah! Só isso, só um caso rápido. Você ficou confusa. Você é muito cara de pau (...) Eu não confio mais em você”. Ao colocar a traição no enredo, vemos o reforço do estereótipo de que bissexuais não são pessoas confiáveis e que não conseguem se contentar com apenas uma pessoa. Assim como aconteceu em outras novelas, como em *Amor à Vida* e *Em Família*, os personagens bissexuais são colocados como traidores de seus relacionamentos e no meio de um triângulo amoroso com um homem e uma mulher.

Ionan, após sua separação de Doralice, tenta pedir a colega de trabalho em namoro. Nessa cena, vemos o retrato da indecisão de Maura, que chega a dizer: “Ionan, eu não sei o que eu estou sentindo. Eu estou muito confusa. Eu não sei o que está acontecendo. Eu estou completamente perdida”. Mais uma vez, uma representação de

---

personagens bissexuais que não são decididos. Por mais que possa existir, de fato, o momento de indecisão e confusão sobre sua sexualidade - da mesma maneira que há entre gays e lésbicas, fruto da sociedade heteronormativa - os bissexuais nunca são retratados como pessoas que têm certeza do que sentem, sempre são confusos. Quando Ionan conta para a família sobre o pedido de namoro, seu pai chega a declarar: “Essa mulher não era casada com outra mulher até dois dias atrás? Que bagunça é essa?”.

A jornada dos personagens bissexuais se repete: iniciam a trama dentro de um relacionamento estável, seja hétero ou homoafetivo, sendo surpreendidos por uma paixão avassaladora por outra pessoa que os leva à traição, para depois entrarem em um dilema e se verem no meio de um triângulo amoroso. Jornada esta que foge do natural e da realidade de pessoas bissexuais que podem ter relacionamentos saudáveis com pessoas de diferentes gêneros, em momentos diferentes da vida, sem ter que se relacionar ao mesmo tempo com várias pessoas, ou traírem seus companheiros ou companheiras.

A diferença com a construção de Maura é que ela não inicia a trama traindo nem dividida, mas acontece depois. E o desenrolar ao fim da trama consegue piorar ainda mais os estereótipos na representação de uma personagem bissexual: Maura propõe um relacionamento a três com Ionan e Selma. Por mais que seja positivo representar um relacionamento não monogâmico em telenovelas, essa representação na maioria das vezes é feita com personagens bissexuais, como se estes não fossem capazes de estar em um relacionamento com uma só pessoa por uma incapacidade de decidir com quem ficar ou por uma pessoa só não ser suficiente.

Essa proposta de poliamor acontece quando Maura é intimada por Ionan e Selma a escolher um deles, mas ela diz que quer ficar os dois, em uma cena que é visivelmente constrangedora e desconfortável para os personagens que aceitam o triângulo amoroso. Quando conta para sua mãe que vai viver junto com os dois amados, diz: “Eu amo Selma e Ionan, e eu não estava conseguindo me decidir e aí propus e eles toparam”. Todo esse enredo foi mostrado de maneira bastante caricata e beirando o ridículo, sendo prejudicial para a maneira como os telespectadores entenderam a sexualidade de Maura.

No fim, Ionan termina o relacionamento com Maura por acreditar que “estava sobrando” naquela relação a três. A novela acaba sem que a personagem declare sua bissexualidade e com o mesmo fim dos personagens bissexuais: em um relacionamento homossexual, como se esta fosse a única possibilidade de representação LGBTQIA+.

---

## 5 Considerações Finais

As representações LGBTQIA+ na mídia, em especial nas telenovelas, têm tido avanços importantes no que tange a diversidade dos papéis, caminhando, mesmo que a passos lentos, para ir além do padrão masculino branco e gay. Porém, ainda existem muitas limitações e estereótipos que não estão sendo desconstruídos. Um dos motivos para esses problemas ainda é a falta de pessoas LGBTQIA+ por trás das produções, escrevendo os roteiros. A novela *Malhação* tem sido o contraponto e exemplo de como a representatividade na produção gera representatividade na trama, tendo nos últimos anos representações diversas e muitas ações socioeducativas com temas extremamente relevantes para a sociedade, enfrentando o conservadorismo da audiência.

Considerando a representação bissexual e a personagem Maura como um exemplo disso, vemos que ainda estamos muito longe de algo que vá além de uma mera representação bagunçada. É claro que não podemos desconsiderar as dificuldades de retratar bissexuais de maneira que não seja confusa para o telespectador, por ser uma sexualidade ainda carregada de tabus na sociedade e que sofre mesmo dentro do movimento LGBTQIA+ - mas é possível termos representações mais verossímeis e menos carregadas de estereótipos. Bissexualidade não é confusão, nem se resume a síndrome do traidor ou do triângulo amoroso.

As representações tendem a avançar conforme os debates na sociedade avançam também. A recente vitória da criminalização da homofobia e transfobia é uma esperança disso acontecer. Mesmo em tempos de avanço do conservadorismo, a luta LGBTQIA+ ganha espaço e mostra sua força. Ainda há muita luta pela frente, no país que mais mata gays, lésbicas e pessoas trans, e a representatividade na mídia pode nos ajudar na disputa discurso e de poder, mostrando que existimos e resistimos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACZKO, B. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1990.

- 
- CUKLANZ, L. M. **Rape on Prime time: television, masculinity, and sexual violence.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber.** São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- HALL, Stuart. “**The work of representation**”. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** 2ª ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade, política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LEWIS, Elizabeth Sara. **Eu quero meu direito como bissexual: A marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação.** Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012
- LIMA, Cecilia Almeida Rodrigues; CAVALCANTI, Gêsa Karla Maia. **Limanthamerepresenta: fãs e representatividade lésbica na telenovela Malhação.** In: BARROS, Chalini Torquato Gonçalves de; CARRERA, Fernanda Ariana Silva. Mídia e Diversidade: Caminhos para reflexão e resistência. Ed. Xeroca, João Pessoa, p. 317-342, 2018
- \_\_\_\_\_. **Fãs, representação e ativismo: shipping de casais homoafetivos na teledramaturgia da Rede Globo.** Revista Ícone, v. 16, n. 1, p. 100-119, 2018
- LOPES, M. **A telenovela como recurso comunicativo.** MATRIZES. São Paulo, v. 3, 2009.
- LOURO, Guacira. **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação.** Florianópolis, Revista Estudos Feministas, vol. 9, n 2, 2001.
- ROSSI, Fernanda Santos; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. **A bissexualidade em telenovelas: Amor à Vida e Em Família.** XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Belo Horizonte, 2018.
- SAFATLE, Vladimir. Posfácio. **Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler.** In: BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2015.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, 1990.
- SILVA, Fernanda Nascimento da. **Homens, brancos e jovens: um panorama das (in)visibilidades nas representações de LGBTs em telenovelas da Rede Globo, entre 1970 e 2013.** In: BARROS, Chalini Torquato Gonçalves de; CARRERA, Fernanda Ariana Silva. Mídia e Diversidade: Caminhos para reflexão e resistência. Ed. Xeroca, João Pessoa, p. 343-356, 2018
- \_\_\_\_\_. **Bicha (Nem Tão) Má – LGBTs em Telenovelas.** 226 fls. Dissertação. Mestrado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.